

A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA E OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA

Data de aceite: 02/05/2024

Maíra Honorato Marques de Santana

Doutoranda em sociologia pela
Universidade de Brasília

RESUMO: O presente artigo visa elaborar uma análise comparativa do contexto da literatura de autoria feminina em diferentes momentos históricos. Esta incursão vem da comparação da trajetória de diferentes escritoras, mais precisamente a de Júlia Lopes e Clarice Lispector. Mesmo sendo autoras de épocas históricas distintas, observam-se semelhanças no que tange as dificuldades no percurso de sua produção literária. Para desenvolver tal análise, será importante o arsenal teórico metodológico desenvolvido por Chartier a partir do conceito de função-autor que procura fazer uma releitura do lugar da autoria, bem como as noções de Heidegger sobre a partir do conceito de *Dasein*, que significa a atualização permanente do *ser*, este ser que em todo momento questiona a si mesmo. A linguagem é e desvela este *ser*. De forma a buscar investigar como o *ser* feminista está localizado em diferentes lugares do discurso, aferiu-se a presença desta narrativa feminina orquestrada pela

escritora Clarice Lispector nas atividades jornalísticas tecidas como colunista e cronista na Revista Senhor, como também a circulação das obras de Júlia Lopes na *Belle Époque*, a última autora é uma das poucas escritoras a viver de sua pena. Desta forma, aferiu-se que mesmo observando os silenciamentos da história em relação à autoria da literatura feminina no Brasil, as estratégias tecidas por essas escritoras impuseram-se contra as dificuldades imputadas e através das constantes luta por espaço, atualizaram o *ser* feminino na literatura no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de autoria feminina, Historiografia feminista, Clarice Lispector, Júlia Lopes.

FEMALE AUTHORITY LITERATURE AND THE SILENCES OF HISTORY

ABSTRACT: This article aims to develop a comparative analysis of the context of literature written by women at different historical moments. This incursion comes from comparing the trajectories of different writers, more precisely that of Júlia Lopes and Clarice Lispector. Even though they are authors from different historical periods, similarities can be observed regarding

the difficulties in the course of their literary production. To develop such an analysis, the methodological theoretical arsenal developed by Chartier will be important based on the concept of author-function, which seeks to re-read the place of authorship, as well as Heidegger's notions on the concept of Dasein, which means the actualization permanent part of being, this being that questions itself at all times. Language is and reveals this being. In order to investigate how the feminist being is located in different places of discourse, the presence of this feminine narrative orchestrated by the writer Clarice Lispector was measured in the journalistic activities carried out as a columnist and chronicler at Revista Senhor, as well as the circulation of Júlia's works Lopes in the Belle Époque, the last author is one of the few writers to live from her pen. In this way, it was verified that even observing the silencing of history in relation to the authorship of female literature in Brazil, the strategies woven by these writers prevailed against the imputed difficulties and through the constant struggle for space, updated the female being in literature in Brazil.

KEYWORDS: Literature by women, Feminist historiography, Clarice Lispector, Júlia Lopes.

INTRODUÇÃO

Uma das primeiras observações a fazer na construção do pensamento feminista no Brasil, diz respeito ao mesmo relacionar-se à imprensa e a literatura de autoria feminina. Podemos apontar Nísia Floresta como a primeira mulher que publica seus textos no Brasil nos jornais de grande circulação, a pedagoga foi defensora que as mulheres frequentassem as escolas, o que só ocorreu a partir de 1830, e a partir de várias movimentações as escolas secundárias para mulheres somente abundariam em 1840. A imprensa feminista estava nascendo em meados de 1828, o Espelho Diamantino será o primeiro jornal voltado às mulheres. Este gênero foi bastante pronunciado ainda no Sec. XIX, ao total 143 jornais feministas circularam no Brasil em diferentes estados, e além de denunciar a forte presença feminina, denotam a necessidade de comunicação e informação entre estas mulheres.¹ A vida na imprensa também é observada na trajetória de Clarice Lispector, pois a escritora atuou como colunista sob vários pseudônimos em diferentes jornais. Nesta época verificase a expansão das atividades literárias no país, através do fortalecimento do jornalismo profissional, dos institutos culturais, da disseminação das universidades, da cultura do diploma, e proliferação de editoras no Brasil a partir da década de 1930, na qual o mercado livreiro teve seu maior apogeu, fase descrita por Sergio Miceli² como "o surto editorial". Mas, contraditoriamente, até 1940, a maioria da literatura produzida nos romances não era escrita por mulheres, e mesmo as mulheres escritoras não foram beneficiadas pelo mercado do livro. Muitas mulheres publicaram diversos romances, muitos inicialmente escritos nas notas de rodapé dos jornais, os textos da grande maioria das mulheres restringiam-se às colunas femininas e das atividades como cronistas. Podemos perceber que Clarice Lispector esteve bastante vinculada à imprensa na medida em que conseguia sua ascensão

1 Constância Duarte, 2016

2 Miceli, 2001

através do reconhecimento no setor jornalístico no qual também tecia propagandas de vários artigos de beleza. Após o apogeu do mercado livresco, o gênero adotado por Clarice é o estilo que mais vendeu no Brasil. A literatura destinada ao público feminino constituía um terço dos romances publicados no Brasil; a cada 156 romances publicados, 52 eram destinados ao público feminino, e em grande parte escrita por homens.³

Júlia Lopes por sua vez pertencia ao restrito círculo erudito da época, era conhecida entre o eixo Brasil – Portugal, entre seu vasto mosaico temático há mais de 10 romances, peças de teatro, novelas e contos e foi cronista efetiva do Jornal *O país* por mais de três décadas. Pertencia ao círculo mais alto da *Belle Époque*, e publicou sua primeira obra em 1888, ano de lançamento de *O ateneu*. Conterrânea de João do Rio, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e outros escritores, sua produção foi legada a uma profunda invisibilidade na historiografia modernista, mais especificamente a historiografia produzida no período Pós-vargas. Além desta questão verificou-se que mesmo inserida no mesmo contexto histórico de vários escritores homens, atuou em diversos jornais feministas, alguns com cerca de 25 mil exemplares de circulação, e fez com que a escritora se tornasse na época ícone de valores republicanos, feministas e abolicionistas. Júlia Lopes mesmo assim nunca obteve reconhecimento necessário até hoje pela historiografia, como foi relegada à exclusão institucional pela Academia Brasileira de Letras quando seu nome mesmo arrolado a lista componentes, foi retirado da ata de posse, através de manobras misóginas que marcariam mais de 80 anos da formação da “Casa Machado de Assis”.

Todavia ao analisarmos a difícil trajetória de ambas as escritoras verifica-se que a mesmas conseguiram efetivar estratégias e espriar a literatura de autoria feminina em ambos os momentos históricos. Argumenta-se que através da perspectiva desenvolvida por Chartieu o qual relativiza a posição do autor, o que significa que a autoria dilui-se, fazendo com que o texto tenha mais relação com lugar o qual ele é construído através das inúmeras subjetividades orquestradas dos lugares discursivos (a exemplo da mudança abissal da narrativa realizada pela escritora Clarice Lispector quando observamos as inúmeras colunas que tinham mais o propósito de vender artigos femininos, em relação aos seus romances) vários autores conseguem difundir seus textos.

“A função-autor implica portanto uma distância radical entre o indivíduo que escreveu o texto e o sujeito ao qual o discurso está atribuído. É uma ficção semelhante às ficções construídas pelo direito, que define e manipula sujeitos jurídicos que não correspondem a indivíduos concretos e singulares, mas que funcionam como categorias do discurso legal. Do mesmo modo, o autor como função do discurso está fundamentalmente separado da realidade e experiência fenomenológica do escritor como indivíduo singular. Por um lado, a função-autor que garante a unidade e a coerência do discurso pode ser ocupada por diversos indivíduos, colaboradores ou competidores. Ao contrário, a pluralidade das posições do autor no mesmo texto pode ser referida a um só nome próprio”(CHARTIER, 1999, p. 199)

3 Constância Duarte, 2016

Através de algumas premissas elaboradas por Martin Heidegger⁴ compreendemos que mesmo em diferentes lugares discursivos as mulheres foram porta vozes do ser feminino presente de sua época, materializando-se através do *ente* que foram as colunas jornalísticas, romances de formação, crônicas, e vários escritos. A presença não é um ente, é um ser ontológico, que tem a finalidade de deixar explícito o questionamento do ser, o *Dasein* é a presença e só se compreende a partir da tradição⁵. Desta forma a presença deste ser feminista em ambos os períodos históricos irá se difundir de alguma forma a partir das trocas simbólicas de inúmeras mulheres. Estas escritoras através do discurso predominante na época, a linguagem jornalística, construíram um grande arsenal literário e foram referência para muitas mulheres de sua época, e assim como João do Rio que elaborava críticas imperceptíveis nos jornais que trabalhou, como, por exemplo, no Jornal *O riso*. Através desta pesquisa encontramos um campo profícuo de análise quando observamos que mesmo num espaço restrito de produção atravessado pelas instâncias de dominação⁶, quando pensamos que o mercado editorial e os jornais atendem as demandas dos editores e donos dos jornais, as mulheres conseguem criar estratégias e difundir textos feministas.

METODOLOGIA

De forma a buscar um diálogo entre a filosofia da linguagem, a partir da constante atualização do ser⁷, que só pode ser verificada na experiência, a partir do movimento da presença, portanto, do *Dasein*, na realidade empírica, esse ente feminista é observado em diferentes lugares, por isso o corpus do trabalho serão as cartas, a crítica literária, os estudos científicos atuais que dissertam sobre as peculiaridades de consagração das mulheres no mercado editorial, e institucional. Far-se-á um recorte metodológico a partir da mobilidade textual que esse lugar textual concedeu a essas mulheres na qual os textos jornalísticos formam o conjunto daquilo que Antônio Cândido chamou de sistema literário⁸. O teórico aponta que um sistema ou um campo literário não existem sem o lugar da “autoria”, da recepção e da circulação das obras literárias. Desta forma aproximamos essa perspectiva da compreensão de Chartier na qual a função-autor é bastante importante, pois denota que

4 Heidegger, 2002

5 Para Heidegger, o ser humano é considerado como *Dasein*, ou seja, um ser entre o resto dos seres por meio do que o Ser se torna manifesto com a revelação de todos os seres em quê e como é. Como tal, *Dasein* (ou Existência) é pensado como sendo um “eu”, mas não um “sujeito”. Ser um sujeito significa relacionar-se com todos os outros seres como “objetos” para os quais o sujeito é o único ponto de referência para determinar o que quer que possam “significar”. Assim, todos os seres são objetos para sujeitos, ou sujeitos que servem como objetos para outros sujeitos (ou para si mesmos). (RICHARDSON, p.25, 2006)

6 O artista só ganha autonomia quando há independência financeira e neste sentido a herança que Flaubert recebeu e o surgimento da imprensa no contexto francês na época são aspectos impulsionadores na formação de um campo literário na França, e particularmente explica a posição de vanguarda que Flaubert desempenhou no campo literário. Por isso faz-se importante na análise do campo literário para perceber a relação do artista em relação a outros artistas e instituições. Por isso o artista aspirante é submetido às regras do campo literário, nos quais os artistas já reconhecidos tem maior poder em fator do acúmulo e tempo imerso no campo pretendido. (BOURDIEU, 1996)

7 Richardson, 2006.

8 Antônio Cândido, 1985

o lugar da autoria é simultâneo ao lugar de circulação das obras, quer dizer que a autoria envolve um lugar de dominação no conjunto de produção de uma obra artística⁹. O sistema literário enuncia um lugar de poder e dominação. Pontuar essas questões é de grande importância quando percebemos o contexto das relações de poder e a literatura de autoria feminina quando fazemos uma investigação do contexto social para as escritoras da época e percebemos uma profunda dificuldade da literatura escrita por mulheres consolidar-se.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atividade escrita sempre teve um papel demarcatório no que diz respeito ao entrecruzamento de várias dimensões sociais e automatização de muitos aspectos da sociedade. É possível perceber que várias nuances que compõe as dimensões da literatura tanto oral quanto escrita são modificadas pela dinamização da vida social. Podemos citar, por exemplo, os quartetos de músicas que até hoje perduram como uma atualização dos seresteiros vienenses que não podiam transportar o cravo, pois era muito pesado. Assim como modernização mudou, em grande medida, as referencializações na poesia para objetos e sensações abstratas, a imprensa escrita transformou em grande parte a literatura. Antônio Candido em um primoroso livro *Literatura e Sociedade* destaca que a crônica nasce numa dessas intersecções de técnicas na história da arte. Houve não só uma mudança nos perfis dos personagens como nas composições da narrativa, ocorreu também a inserção de outros gêneros literários, os romances de folhetins são uma dessas formas de adaptação da linguagem literária para uma linguagem jornalística, na qual destaca-se o cotidiano e o transitório mesmo sendo construído a partir de uma narrativa ficcional.¹⁰

Diante da grande experiência acumulada a partir das atividades jornalísticas, e bastante influenciada por esse tipo de literatura, Clarice Lispector modificou muito a sua narrativa desde o lançamento do livro *Perto do Coração Selvagem*. Podemos apontar *A hora da estrela* como um romance que traz essa nova dimensão estética na qual se beneficia das atividades como colunista, cronista, repórter e fez deste espaço um laboratório experiencial. O contato diário com os leitores, suas impressões, as cartas que recebia e a própria condição de ter que escrever todo dia mesmo que sem inspiração treinaram a linguagem da autora que consegue agradar a difíceis públicos, os mais elitizados.

Antes de trabalhar como cronista na revista *Senhor* Clarice acumulou profunda experiência em três colunas que escreveu a partir de pseudônimos. Embora vivenciando todo este contexto difícil, os enredos trazidos na sua linguagem jornalística têm bastante relação com os dilemas enfrentados pelas mulheres na sociedade na época. Por isso argumenta-se que em 1952 quando assinava *Entre Mulheres* no tablóide *O Comício*, como Tereza Quadros, com uma crônica irônica de como matar baratas a autora se populariza

9 Chartier, 1999.

10 Antônio Cândido, 1985

bastante, e ela passa a consagrar-se como cronista no meio jornalístico. Com o seu retorno definitivo em 1959, na coluna *Correio Feminino*, no Jornal *Correio da Manhã* através de outro pseudônimo, Helen Palmer a qual era patrocinada por várias empresas de artigos femininos, entre estas a Empresa Pond's Publicidade que encomendou uma crônica que ensinava as mulheres a usar cremes estéticos, ganha maior projeção através de receitas de como conquistar o homem amado, sem conseguiu perder seu teor crítico ao criticar a beleza em série: afirmava que a mulher tinha que conquistar o próprio rosto. Após o notório sucesso, também passa a assinar outra coluna através do pseudônimo de Ilka Soares, no *Correio da Noite*, na página *Só para Mulheres*.¹¹

Ainda em 1960 escreve para a revista *Senhor* voltada para um público masculino e elitizado. Entretanto, Clarice ainda encontrava dificuldade para publicar *Laços de Família e Maçã no Escuro* (que estava há 5 anos esperando pelo patrocínio de alguma editora). Esse trabalho vem destacar que após o notório sucesso na revista *Senhor* e crescimento das colunas assinadas por pseudônimos, as quais se popularizam bastante, Clarice consegue recuperar a credibilidade do mercado editorial da época, facilitando a publicação de um novo livro chamado *Laços de Família* (1960). Após a sua reinserção no campo consegue recuperar seu estilo mais intimista e publica livros considerados mais herméticos que os anteriores, como os romances *A Paixão Segundo G.H* (1964) e *Água Viva* (1967), e também escreve contos até o final da sua vida, como a publicação do livro *Onde Estivestes de Noite* (1974). Desta forma, destaca-se este período de dificuldade que a autora vivenciou e as estratégias que a autora procurou para legitimar-se no campo literário no Brasil dialogando com as impressões de revistas, da Academia Brasileira de Letras, dos críticos literários e dos escritores da época, relações nas quais se constitui o campo literário no Brasil. Clarice desta forma também vivencia vários tipos de silenciamentos, como a exemplo da sua mudança de narrativa metafórica e diacrônica presentes em *Maçã no Escuro* para uma linguagem mais coloquial de *Laços de Família*, como também a dificuldade que tinha de publicação de seus livros. Esses silenciamentos também são observados na mudança de temática que operou alterando os enredos de violência psicológica vivenciados pelas mulheres e cenários de violência de gênero, em todos os seus primeiros livros, principalmente em *Perto do Coração Selvagem* e *Maça no Escuro*, para uma narrativa mais próxima da construção de estereótipos que venham a reforçar o ideário masculino, através da descrição das relações familiares, conjungais e patriarcais da época.

Como efeitos dos impactos positivos causados pelas colunas jornalísticas no mercado editorial da época, destacamos como marco histórico o lançamento o livro *Laços de Família*, momento em que Clarice consegue consagrar-se entre as regras “inconscientes” do campo literário. Ressalta-se que a partir da produção ostensiva de crônicas, e o sucesso e grande repercussão nos jornais da época que resulta diretamente na opinião do mercado editorial e a partir disso, na medida em que as colunas vão se popularizando nos três jornais que

¹¹ Aparecida Nunes, 2006

escrevia, consegue publicar *A Maçã no Escuro* e ganha também o Prêmio Jabuti com *Laços de Família*. Ao observar o trabalho produzido por Clarice Lispector nessas diversas colunas percebemos que havia uma *presença* feminista acerca da reflexão tecidas pelas mulheres na imprensa feminina, que existia antes mesmo no nascimento de Clarice Lispector. A partir da reflexão realizada, percebe-se que Clarice Lispector se utilizou das colunas femininas como estratégias para manter-se viva no sistema literário da época. Desta forma percebe-se a importância da *presença* desse ser feminista bastante pronunciado através destas atividades jornalísticas o qual tinham um público bastante extenso, que lia os mais de 143 jornais feministas que circularam no Brasil Império até a República.

Período mais intenso da escritora Clarice Lispector em relação à publicação de romances, crônicas e romances.				
Local de trabalho/ ano	Crônicas	Contos	Romances	Colunas
O Comício - Jornal 1952		Publica o livro Vários Contos (1952)		17 edições* de “Entre mulheres” sob o pseudônimo de Tereza Quadros 17 colunas
Período que esteve no exterior (1952 a 1959)			Finaliza <i>Maçã no Escuro (1961)</i> , publicado 6 anos depois de pronto	
Correio da Manhã – 1959/1961 - Jornal				128 edições “Correio feminino” sob o pseudônimo de Helen Palmer
Diário da Noite – 1960- 1961/ Revista Senhor (1961-1964)	Realiza inúmeras crônicas na coluna “Chidrens of Corner’s”	Publica 6 contos do livro <i>Laços de Família</i> (1960) . (preiação - Jabuti)	Publica <i>A Maçã no Escuro</i> (1961), <i>A Paixão Segundo G.H</i>(1964) e <i>Felicidade Clandestina</i> (1964).	291 edições “Só para mulheres” sob o pseudônimo de Ilka Soares

Fonte: Elaboração própria

Júlia Lopes que dividia a mesma redação de jornal que vários escritores famosos, como Machado de Assis, Euclides da Cunha e Olavo Bilac atuou por mais de três décadas no jornal *O país*, e era a mulher mais atuante na literatura de autoria feminina, quando vem a falecer em 1934.

"A contribuição de Júlia Lopes para jornais e revistas se estendeu por mais de trinta anos, priorizando a publicação de crônicas que versavam sobre temas como encômios à Abolição e à República, a importância da educação feminina, os conflitos conjugais, alguns dos quais trataremos no próximo item. Tendo sua trajetória marcada por contribuições para diversas revistas femininas, Júlia Lopes fundou, em 1919, ao lado de Cassilda Martins, o Nosso Jornal, ano em que é criada, no Rio de Janeiro, a Legião da Mulher Brasileira, da qual fora presidente honorária. Além disso, o período que enfeixa os anos 1914 e 1935 foi marcado pela publicação da Revista Feminina, periódico dirigido por Virgílica de Souza Salles, do qual Júlia se tornou colaboradora. Tendo entre seus colaboradores jornalistas e escritores consagrados, o periódico também possuía uma coluna, intitulada "Jardim Fechado", que recebia textos de leitores. Além de Júlia Lopes, os colaboradores mais importantes eram Cláudio de Souza, que assinava os editoriais com o pseudônimo Ana Rita Malheiros, Chrysanthème (pseudônimo de Cecília Bandeira de Melo Rebelo Vasconcelos), Coelho Neto, Menotti del Pichia e Antônio Austregésilo. A revista tinha como alvo o público feminino, abrangendo seções sobre etiqueta, culinária, relacionamento conjugal, comportamento feminino, moda, artesanato. Dentre as seções que compõem a revista, é possível destacar: "O que uma boa dona de casa deve saber", "Como enfeitar minha casa", "Receitas de Toilete", "O menu de meu marido", "Trabalhos de agulha" etc. Contos, charges e publicidade também faziam parte do rol temático do periódico. Com sede em São Paulo, a revista podia ser adquirida avulsamente ou por meio de assinatura. No entanto, "o feminismo defendido pela Revista Feminina "além de preservar os papéis tradicionais da mulher, mantém-se fiel à antiga concepção da Igreja da autoridade do marido e obediência da esposa" (Lima apud RAGO, 2005). Eram comuns as premiações oferecidas aos leitores, quando estes indicavam novos assinantes. Piano e enxoval para noiva estão entre os itens divulgados pela revista. Com uma abrangência nacional, a Revista Feminina chegou a alcançar uma tiragem mensal de 25 mil exemplares, inserindo-a no seleto grupo das revistas de maior circulação no período, por conseguinte, projetando os seus articulistas (MALUF & MOTT, 2006: 639). (FANINI, 2009, p 124)"

Sua estreia deu-se ainda aos 19 anos e a partir de então acumulou vasta experiência em diferentes jornais. Júlia Lopes além de escrever peças de teatro escrevia inúmeros contos infantis que se tornou obrigatório em várias escolas primárias por mais de duas décadas, influenciando grandes escritoras como Cecília Meireles. Júlia Lopes mesmo tendo bastante influencia no contexto social da época, foi relegada ao esquecimento, podemos apontar a mudança estilística na literatura encampada no modernismo, mas também, principalmente, pelas questões relativas às questões de gênero, que impediram que a autora entrasse na Academia Brasileira de Letras. Um assunto aparece recorrente em suas obras: o agrupamento de mulheres. A perda do marido/pai, em *A Falência*, é uma chance para novas possibilidades de vida. Expõe a concorrência comercial e o denominado progresso como subprodutos de uma cultura masculina e financista que criou um mundo onde só o lucro importa, onde existem desigualdades e injustiças, onde a mulher é subordinada, ignorante e não está preparada para a vida. Por causa desse insucesso, da *Falência*, inúmeras mulheres mudam-se para uma casa afastada, à margem da cidade, e começam um aprendizado de vida, de trabalho e do cuidado com a autossustentabilidade.

CONCLUSÕES

Em relação à Clarice observamos mesmo tendo pouco capital econômico na infância, ela se projetou bastante. Através de contatos tecidos por suas irmãs no Rio de Janeiro logo se integrou a vários representantes do governo da Era Vargas, e pelas suas competências escolares, por seu capital cultural, foi contratada como tradutora no primeiro jornal que trabalhou e isso abriria inúmeras portas por onde passou. Contudo, mesmo em épocas históricas distintas observamos a importância que a *Belle Époque* ocasionou para a sua formação, o Rio de Janeiro torna-se a primeira capital cultural do país, através da criação da Academia de letras que ia dinamizar e consagrar a cidade como lugar de inúmeras produções artísticas.

Podemos aferir, portanto que Clarice Lispector o pouco capital econômico na infância, quer dizer, tinha uma condição suficiente reduzida, em relação aos demais escritores consagrados no Brasil, estava inserida em um grupo cujo status, os judeus, que se traduziria em condições e acesso a bens, tais como escolas patrocinadas pela comunidade judaica. Todavia, no Rio de Janeiro verificou-se a existência de inúmeros periódicos feministas, jornais nascidos antes mesmo da instauração da República, e bastante presente na vida profissional de Clarice Lispector. Dotada de capital cultural forte Clarice repete o seu ingresso em renomadas instituições escolares como o Ginásio Pernambucano e passa para a melhor faculdade de Direito do país, no Rio de Janeiro e lá faz inúmeros contatos e consegue angariar contatos que formam seu capital social. Lá conhece pessoas bastante influentes, entre elas, seu futuro marido, Paulo Gurgel Valente, que se tornará diplomata. Pelas habilidades literárias logo consegue um emprego no Jornal *A noite*, e divide sua rotina entre a faculdade e as atividades jornalísticas. Não encontra dificuldades e publica seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*, aos vinte e um anos, o qual causa profunda repercussão, sendo comentado por Antonio Candido na época como um grande acontecimento e de uma narrativa poderosa.¹²

Após publicar este livro, casa e vai morar no Pará e depois acompanha seu marido na primeira viagem diplomática para a Suíça. Durante o período que esteve no Rio de Janeiro fez grandes elos de amizade com os maiores escritores da época, entre eles, Lúcio Cardoso, Fernando Sabino e Érico Veríssimo. A única dificuldade que a afastou deste círculo literário foi no período em que morou no exterior, mas mesmo assim sempre trocou várias cartas afetuosas com vários escritores da época.¹³ Em seu primeiro livro percebemos

12 Houve diversas modificações na narrativa clariceana. Essas modificações tem inicialmente relação com o mundo múltiplo da autora. Diversos temas são tratados por Clarice desde *Perto do Coração Selvagem*. A cosmologia do mundo judaico é bastante presente em sua obra e atravessa todos os seus textos até chegar em Macabéia, em *A hora da estrela*

13 Através das cartas trocadas com suas irmãs e Fernando Sabino observou-se o percurso inimaginável para grande parte de seus leitores e para os intelectuais que teceriam fortes elogios a sua obra. Clarice entrou ainda aos 17 anos numa das universidades mais disputadas do país e trabalhava como jornalista num espaço que não era habitado por mulheres. Neste período morando na Europa escreve "O Lustre" e a "Cidade Sitiada", e nesta fase podemos encontrar a primeira dificuldade vivenciada por Clarice na sua área profissional: seus livros são considerados profundamente herméticos e de difícil leitura. Em seu livro *Maçã no Escuro*, Clarice faz longas digressões existencialistas e sobre a

as fortes desconstruções de gênero e descrição das vivências angustiantes das mulheres nas relações amorosas.

“A certeza de que dou para o mal, pensava Joana. O que seria então aquela sensação de força contida, pronta para rebentar em violência, aquela sede de empregá-la de olhos fechados, inteira, com a segurança irrefletida de uma fera? Não era no mal apenas que alguém podia respirar sem medo, aceitando o ar e os pulmões? Nem o prazer me daria tanto prazer quanto o mal, pensava ela surpreendida. Sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inconseqüências, de egoísmo e vitalidade. [...] Era um pouco de febre, sim. Se existisse pecado, ela pecara. Toda a sua vida fora um erro, ela era fútil. Onde estava a mulher da voz? Onde estavam as mulheres apenas fêmeas? E a continuação do que ela iniciara quando criança? Era um pouco de febre. Resultado daqueles dias em que vagava de um lado a outro, repudiando e amando mil vezes as mesmas coisas. daquelas noites vivendo escuras e silenciosas, as pequenas estrelas piscando no alto. A moça estendida sobre a cama, olho vigilante na penumbra. A cama esbranquiçada nadando na escuridão. O cansaço rastejando no seu corpo, a lucidez fugindo ao polvo. Sonhos esgarçados, inícios de visões. Otávio vivendo no outro quarto. E de repente toda a lassidão da espera concentrando-se num movimento nervoso e rápido do corpo, o grito mudo. Frio depois, e sono”. (LISPECTOR, 1998: 10).

Podemos perceber como pontos bastante marcantes na trajetória social de Clarice Lispector como a pouca valorização da escolarização por parte das mulheres no campo literário brasileiro, mesmo Clarice estudando em ótimos colégios e tendo como principal vocação a carreira literária a mesma escolhe o curso de direito como opção no vestibular. Podemos perceber que isto tem profunda relação com as dificuldades de reconhecimento da carreira intelectual das mulheres, mesmo que a escolarização para elas estivesse permitida, ainda observamos que no ano que Clarice muda-se para o Rio de Janeiro que as meninas do Ginásio Pernambucano foram expulsas por um novo decreto na escola, as quais deixam de estudar na melhor instituição de ensino médio no Estado. Percebemos que mesmo escolhendo o curso de direito a mesma não consegue exercer a profissão e irá trabalhar como jornalista na agência de notícias. Desta forma percebemos o quanto muitas mulheres seriam excluídas da formação intelectual, aprendendo somente o básico para conviver entre os demais..

Podemos supor que os dois campos literários na qual vivenciou Clarice Lispector facultou a mesma a ter uma educação que valorizasse as atividades intelectuais tecidas pelas mulheres. Observamos que no Rio, Clarice obteve melhores oportunidades para acessar diversos tipos de conhecimentos, os maiores clássicos da literatura. No Rio, leu Herman Hesse, Raquel de Queiroz, Machado de Assis, Graciliano. Clarice pegava os livros na biblioteca próxima a sua casa, alugava-os, e lá foram criadas as primeiras bibliotecas populares. Paralelamente ao término do ginásial, consegue realizar cursinhos de inglês.

importância da linguagem e os questionamentos sobre o que venha a ser o humano. (CLARICE, 2007)

Este artigo visa ressaltar, portanto, que os silenciamentos vividos por Júlia Lopes, assim como o distanciamento da crítica editorial aos textos de Clarice tinha um objetivo de calar esse *ser* feminino que está em atualização permanente, e sempre se questiona, que fala independente da época histórica¹⁴. Podemos apontar que esse reconhecimento se deu a duras penas e é relatado em algumas por pesquisas atuais realizadas pelo universo acadêmico, mais precisamente pela pesquisadora Aparecida Nunes¹⁵, que foi a primeira pessoa que investigou a vasta produção de Clarice Lispector nas atividades jornalísticas. Atividades estas desconhecidas para a maioria de seu público leitor, já que a mesma atuou por pseudônimos nas mais de 400 colunas e crônicas que escreveu durante toda sua vida. Podemos perceber que a facilitação e aceitação de dos editores de sua obra deu-se bastante através da popularidade que teve através destas colunas, mais precisamente na Revista Senhor. A relação difícil com o mercado editorial impediu-as de negociar seus direitos autorais e esboçam um traço profundamente androcêntrico de um universo dominado pelos homens, do crítico literário ao editor de livros.¹⁶

14 Heidegger, 2002

15 Aparecida Nunes, 2006

16 “Washington, 10 de março de 1959 Exmo. Sr. José Simeão Leal Serviço de Documentação Ministério da Educação e Cultura Rua da Imprensa, 16 9º andar, sala 902 Rio de Janeiro, D.F. – Brasil Prezado Simeão, desisti de lhe escrever há vários anos, sabendo, por experiências repetidas, que, sendo pouco o seu tempo, eu não receberia resposta. O que explica por que enviei mensagens por amigos. Minha última tentativa foi por intermédio de minha amiga e concunhada, Eliane Gurgel Valente. Acabo, porém, de receber as provas do livro de contos – o que me deu a súbita esperança da possibilidade de um contato direto, com resposta de sua parte. Ou estarei sendo otimista...? Há quatro anos os originais dos contos estão em suas mãos para serem publicados. (Continuo considerando uma de minhas experiências agradáveis o fato de Você me ter encomendado os contos – e eu, tão difícil de escrever ficção por encomenda, ter vitoriosamente conseguido.) Recebi dois ou três mil cruzeiros em pagamento prévio. Com a demora de publicação, e com a falta de resposta às minhas cartas, considere-me desobrigada de meu acordo com Você. Restavam os dois ou três mil cruzeiros que me tinham sido pagos – e que eu autorizei a Sra. Eliane Gurgel Valente a restituir, em troca dos originais a que eu me considerava com direito. Sua resposta foi negativa. Aqui, nesta carta, quero reiterar minha proposta – desta vez enfim diretamente, animada pelo fato de Você me ter escrito. A proposta continua a mesma: estou pronta a devolver os dois ou três mil cruzeiros, em troca do direito de dispor de meus originais. Estou precisando de dinheiro, e quero vender os contos separadamente, a jornais ou revistas. Ser publicada por Você é uma honra. Além do mais, Você é um amigo, e pessoa que admiro e respeito. Mil vezes eu teria preferido que Você tivesse atendido minhas mensagens (sobre devolução dos contos) durante os quatro anos. Lamento a coincidência de Você só me ter escrito na hora de me mandar as provas. Ter enfim me escrito, me deu, como eu disse, a esperança de um contato direto. Mas é com infinito desgosto que percebo o perigo da coincidência – poderia parecer que, tendo as provas comigo, eu lhe faço a proposta da devolução dos contos. Você e eu, além das pessoas que gentilmente se encarregaram de lhe transmitir minhas mensagens, sabemos que há muito eu queria os originais de volta. Você me prestará um favor ao me atender. Ao Ministério de Educação obviamente não interessa a publicação dos contos, ou estes não teriam ficado numa gaveta durante quatro anos. E a mim – por motivos claramente financeiros e de certo modo urgentes – me interessa publicação comercial, mesmo sem a honra de ter livro publicado por Você. Uma coisa me aborrece: se o livro chegou a ponto de provas, isso significa provavelmente alguma despesa da parte do Serviço de Documentação, despesa que não estou, infelizmente, em situação de indenizar. Mas, por outro lado, uma coisa me consola. É que também eu tive prejuízos. Durante os quatro anos, recebi, vez por outra, recados mandados por Você, garantindo que o livro estava “prstes a sair”, e “já em provas”. Isso me impediu de vender os contos separadamente a jornais e revistas, pois “em breve” os contos, senão publicados por Você, não seriam mais inéditos – e eu não podia vender um conto que poderia ao mesmo tempo sair em livro. Recusei propostas nesse sentido, propostas que me interessavam. Só uma vez resolvi – diante da coisa cada vez mais vaga que se tornara a publicação do livro – assumir compromisso. Aceitei uma proposta de O Estado de S. Paulo. Acontece que eles só chegaram a publicar um conto. Pois, em seguida ao recebimento do cheque, recebi daquele jornal uma carta, justamente indignada, dizendo que, se eu dera a eles exclusividade de publicação, não deveria ter dado um conto a um jornal do Rio. Acontece que esse jornal do Rio não me pediu pessoalmente nenhum conto, não avisou que publicaria, nem explicou como tinha conto meu em mãos. O jeito que dei foi escrever uma carta de desculpas ao Estado de S. Paulo – e perdi o contrato. Com isso, Simeão, quero lhe dizer que, para paz de minha consciência, tive prejuízos certamente comparáveis aos do Serviço de Documentação em preparar provas. Até um ano atrás, esses prejuízos não me afetavam substancialmente. Mas agora tenho que tentar vender os contos separadamente. Por favor, leia esta carta com compreensão. A mesma que tive durante quatro anos... Sua amiga Clarice Lispector”

Michele Fanini por sua vez ao fazer o resgate histórico de Júlia Lopes, verifica que além dos vazios institucionais ocasionados a partir de sua não entrada na Academia Brasileira de Letras, que há vários resquícios dessa *presença* ou *entificação* feminina negada na história da Academia Brasileira de Letras em relação a várias escritoras tais como a desconsideração da escritora Carolina Michaelis como possível concorrente, Amélia Beviláquea e Dinah de Queiroz. As manobras e silenciamentos que passou Júlia Lopes pela casa que ajudou a fundar, premiou seu marido como titular da cadeira que era sua, como prêmio de consolação por seus esforços. Só observamos a reparação institucional das mulheres poderem ser inseridas na referida instituição no ano de 1976, quando por unanimidade a instituição resolver realizar uma retificação no regimento interno que prevê a inserção de escritores sem serem do “sexo masculino”. Na busca de questionar a “oficialidade” da história que relegou ao ostracismo ambas as autoras, observamos os diferentes momentos delicados vividos pelas escritoras Clarice Lispector e Júlia Lopes.

Tecendo uma reflexão através das oportunidades concedidas no contexto da profissionalização dessas mulheres, bem como do acesso à educação que proporcionaram as referidas trajetórias e aos resultados a que chegaram, depreende-se que as diferentes épocas históricas guardavam suas formas específicas de práticas culturais que passadas de geração em geração fariam com que as mulheres acumulassem desvantagens no que tange as oportunidades de difundir a literatura de autoria feminina. Percebeu-se que no entresséculo os acessos formais eram bastante restritos ao mundo do trabalho. Além do trabalho das mulheres serem consideradas como amadores ou até mesmo de serem inviabilizadas, percebemos que essa perspectiva nasce da escolarização tardia permitida às mulheres. Mesmo ingressando no ensino escolar várias mulheres tinha aulas diferenciadas do que os homens, a elas eram ensinadas a serem donas de casa. Registrou-se que apenas as mulheres abastadas tinham acesso a educação secundária e superior, sendo obrigatório e público apenas o ensino primário. Desta forma percebemos o quanto muitas mulheres seriam excluídas da formação intelectual, aprendendo somente o básico para conviver entre os demais.

Há de se destacar que ambas as escritoras compõe um nicho de escritores que dispunham de grande capital social, que dizem pertenciam há um grupo de notáveis, os quais lhes concediam bastante prestígio entre seus pares. Podemos apontar que Júlia Lopes, filha de portugueses e herdeira de uma grande fortuna, teve uma educação que zelou bastante pelas atividades literárias como também já aos 19 anos, trabalhava como cronista em vários jornais. Em relação à Clarice observamos que mesmo sendo bastante pobre na infância, através de contatos tecidos por suas irmãs no Rio de Janeiro logo integrou-se a vários representantes do governo da Era Vargas, e pelas suas competências escolares, por seu capital cultural, foi contratada como tradutora no primeiro jornal que trabalhou e isso abria inúmeras portas por onde passou. Contudo, mesmo em épocas históricas distintas

(LISPECTOR,2002, p.204)

observamos a importância que *Belle Époque* ocasionou para a formação de ambas as autoras, o Rio de Janeiro torna-se a primeira capital cultural do país, através da criação da Academia de letras que ia dinamizar e consagrar a cidade como lugar de inúmeras produções artísticas. Essa estrutura privilegiada alcançou até a década de 1940, onde ainda verificou-se a existência de inúmeros períodos feministas, jornais nascidos antes mesmo da instauração da república, e bastante presentes na vida profissional de Clarice Lispector.

Podemos dizer, portanto, que a luta dessas mulheres em profissionalizar as atividades literárias e difundir os textos feministas fazem parte de um contexto no qual as atividades intelectuais eram, em grande medida, interditas às mulheres, e desta forma a luta de ambas as escritoras a fazer parte da vida intelectual traduz-se na necessidade desse ser, através do *dasein* em questionar-se e se atualizar. Através do arcabouço teórico que compreende o ser a partir da forma com que ele manifesta-se, o estudo dos diferentes lugares da linguagem torna-se uma estratégia e questionamento da tradição e denota a existência e constante necessidade de compreender os fenômenos da existência, o qual faz parte a história do pensamento das mulheres.

Percebemos, neste sentido, um *habitus* no brasileiro que impedia as mulheres de se alocarem no espaço institucional, principalmente relativo às atividades intelectuais. Percebemos que na sociedade brasileira que o estímulo às mulheres tecerem carreiras intelectuais foi bastante atrasado. Desta forma Clarice Lispector, de acordo com os preceitos construídos por Sérgio Miceli, Clarice Lispector vivencia os mesmos tipos de impedimentos institucionais vivenciados pelas mulheres na geração de 30. Na geração de 45 os homens, a grande maioria dos escritores já estava em postos imersos no corpo do aparelho estatal. Guimarães Rosa é chefe da diplomacia, e em certa medida é um grande concorrente da autora quando observamos que seus livros foram esquecidos quando o mesmo lança seu livro Sagarana. Desta forma percebemos como a condição de gênero obstrui as mulheres no campo literário brasileiro. Somente Raquel de Queiroz quando consegue ser torna-se diretora do Departamento de Cultura alcança uma das maiores mudanças no campo literário brasileiro. Após quase um século de impedimentos e manobra da Academia Brasileira de Letras, as mulheres conseguem uma grande vitória, Raquel de Queiroz é nomeada a primeira representante feminina da casa. Desta forma percebemos o imbricamento existente a tomada de postos no corpo do aparelho estatal e premiações no campo literário.¹⁷

17 Fanini, 2009.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. *Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

ALMEIDA, Adriana. *Uma possível leitura irônica das colunas femininas de Clarice Lispector*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, p. 208. 2015.

ARAÚJO, MARTA. *Clarice Lispector e seu papel como cronista: da futilidade das páginas femininas à epifania dos textos literários*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco p. 112. 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 1. Ed. São Paulo: Edições 70, 1977.

BOURDIEU. Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 432.p.

BOURDIEU. Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

BRITO, Clóvis carvalho. *Clarice Lispector e Erving Goffman: narrativas microsociológicas*. Rev. Baleia na rede [online]. 2010, n. 7, 153 -166. Disponível em: https://www.maria.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/edicao7/Clarice_e_Erving.pdf

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. *No Raiar de Clarice Lispector*. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1970. p. 27-33. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/253799002/No-Raiar-de-Clarice-Lispector>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

CAVALCANTI, Vinícius Manrique. *Bourdieu leitor de Weber: pistas para uma gênese do conceito de campo*. Rev. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Recife, 2012. p.26-46. CEBRAP. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: bloco quantitativo*. São Paulo: CEBRAP, 2016.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX*. Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

HEIDEGGER, MARTIM. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Shuback. petrópolis: Vozes, 2002

LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Org. Tereza Monteiro. Rio de Janeiro. Rocco: 2002

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. Senac, 2006.

RICHARDSON, William. *Heidegger e a Subjetividade*. Rev. IHU Online, Rio Grande do Sul, 2006 n 187, pp.23-32.

ROGER, Chartier. *Literatura e História*. Rev. Topoi, Rio de Janeiro, 1999, nº 1, pp. 197-216.